



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER  
NORMAL SUPERIOR**

**FABIANA FERREIRA OLIVEIRA**

**OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E  
DE FUTUROS LEITORES**

Rio de Janeiro  
2020

**FABIANA FERREIRA OLIVEIRA**

**OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS NA FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES E FUTUROS LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto Superior de  
Educação Pró-Saber como requisito parcial  
para a obtenção do Grau de Licenciado em  
Normal Superior, com Habilitação em  
Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Patricia Gonzalez

Rio de Janeiro

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

OI41o      Oliveira, Fabiana Ferreira

Os instrumentos metodológicos na formação de professores e futuros leitores / Fabiana Ferreira Oliveira.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2020.–

35 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2020. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador Professora Patricia Gonzalez

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores de Educação Infantil. 3. Memória de Formação. 4. Instrumentos metodológicos. 5. Leitura. I.Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber.

**FABIANA FERREIRA OLIVEIRA**

**OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS NA FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES E FUTUROS LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil. Aprovado em dezembro de 2020.

---

PROFESSOR ORIENTADOR

---

PROFESSOR LEITOR

---

PROFESSOR LEITOR

Rio de Janeiro

2020

## LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 23 de novembro de 2020

**FABIANA FERREIRA OLIVEIRA**

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que me permitiu chegar até aqui.

Aos meus pais, Maria e José, por toda força e ensinamentos.

À instituição Pró-Saber, por abrir as portas para mim.

A minha amiga Simone Dias, que me incentivou diariamente, me fazendo acreditar no meu potencial.

A todos os amigos que ficaram com meu filho para que essa grande obra acontecesse na minha vida.

A todos os integrantes da turma 2018, pois nada conseguiria sem nossas trocas.

A cada professor que compartilhou conosco sua aprendizagem, enriquecendo nosso conhecimento.

A minha querida orientadora que me encorajou, vibrou e não desistiu de mim em nenhum minuto, Patrícia Gonzalez.

Um dos sintomas de estar vivo é a nossa capacidade de desejar e de nos apaixonar, amar e odiar, construir e destruir. Somos movidos pelo desejo de crescer, de aprender, e nós educadores, também de ensinar. Somos sujeitos porque desejamos. Somos sujeitos porque criamos, imaginamos e sonhamos. Somos sujeito porque amamos e odiamos, destruimos e construímos conhecimento. Somos sujeito porque temos uma ação pensante, reflexiva, simbólica, laboriosa no mundo. Contudo, tem muito sujeito que não é dono de seu desejo, de seu fazer, de seu pensamento. Como fazê-lo reconhecer o próprio desejo, pensamento, se nunca lhe foi possível praticá-lo? (FREIRE, 2008, p. 24).

## RESUMO

Relato aqui o mergulho numa experiência única e enriquecedora de aprendizagem vivida durante três anos no Instituto Superior de Educação Pró-Saber. Os instrumentos metodológicos de Madalena Freire - avaliar, planejar, observar - serviram de base de reflexão e construção de conhecimento, me tornando uma educadora muito mais reflexiva, encorajada e atenciosa com meus alunos. Este foi um percurso, onde superei muitos desafios e trouxe muitas mudanças para minha prática. Trouxe um novo olhar para o planejamento escolar, a produção da escrita e a leitura da criança, entre outros. Para aprofundar o estudo sobre as primeiras hipóteses da leitura e da escrita na educação infantil dialoguei, basicamente, com Madalena Freire e Emília Ferreiro.

**Palavras-Chave:** Leitura. Escrita. Letramento.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1 O DESLUMBRE PELA METODOLOGIA</b>	<b>14</b>
<b>2 A IMPORTÂNCIA DE CADA DISCIPLINA</b>	<b>22</b>
<b>3 O DESPERTAR DE UM LEITOR</b>	<b>28</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Tudo começou, quando fui convocada para assumir o cargo de Agente de Educação Infantil no município do Rio de Janeiro, em 2011. O telegrama da prefeitura chegou na residência dos meus pais, e, quando chegou em minhas mãos, já havia passado o dia da posse. Quanta angústia pairou em minha cabeça! Mas, mesmo desempregada há mais de um ano e me recuperando de um problema de saúde conhecido como mola hidatiforme, Deus não me deixou desanimar. Fui dada como inapta, entrei com recurso e fiquei afastada três meses para tratamento.

Apesar do susto, comecei a trabalhar e entrar na área da educação foi algo maravilhoso em minha vida, pois, desde criança, já brincava com meus amigos de professora.

Neste mesmo ano, conheci o Pró-Saber, que estava com as inscrições do vestibular abertas para o Curso Normal Superior. Se me recordo bem, só poderiam se inscrever pessoas de atuassem em comunidades. Como sou muito desconfiada, não dei muita atenção, já que, naquele momento, já estava cursando a faculdade de pedagogia na Cândido Mendes. Muitas colegas de trabalho já tinham feito a prova anteriormente, mas não obtiveram aprovação. Falaram que a prova era muito difícil, mas que o lugar era lindo.

Passados alguns anos, em 2015, o Pró-Saber retorna sendo tema de conversa na creche Winnie Mandela. Nossa amiga, Roberta Costa, iniciava seus estudos lá. Não trabalhei com ela nesse período, mas ouvia comentários que circulavam entre a equipe. Um dos comentários era de que a escola era muito rigorosa e que era pedido um relatório ao final de cada aula.

Devo meu ingresso no Pró-Saber unicamente a minha amiga irmã, Simone Dias que, encantada com a metodologia de Madalena Freire, me estimulou a acreditar que eu podia mais. Foram dias de muitas conversas, me estimulando a pensar em uma educação de qualidade, em uma vida melhor para mim e meus familiares, tendo em vista que logo haveria o vestibular para uma nova turma para o curso de Formação de Professor de educação infantil.

Eu resisti muito, estava desiludida, achando que não conseguiria. Meu filho estava pequeno e eu já tinha abandonado a primeira faculdade, por não acreditar que daria conta. A família estava acima de qualquer investimento em minha evolução

como pessoa, como profissional. Porém, uma voz interna gritou bem alto, dizendo: "Duvido você ficar três meses, Fabiana"! E esse foi o combustível para chegar até aqui.

Além do deslumbre, ao pisar pela primeira vez no Instituto, fui contagiada por uma força, uma energia e naquele instante tive a certeza que o Pró-Saber seria um divisor de águas em minha vida.

Seu ambiente acolhedor, sua calma contagia qualquer um que chega em seu jardim. Sua fonte é um lugar que nos inspira a pensar e renovar as energias. Em sua metodologia, os professores acolhem seus alunos com beijos ou abraços; o sorriso no rosto permeia toda aula. Nessa instituição de ensino, temos voz e vez, avaliamos a aula no intuito de nos aprimorarmos a cada dia.

Em nossa aula inaugural, fomos recebidos pela turma de 2015. Os alunos falaram de suas experiências, e também foi oferecido um bolo de chocolate magnífico, com o cuidado de ter os nomes de cada integrante da nova turma 2018.

Todas as disciplinas marcaram minha aprendizagem. Madalena Freire e Clara Araújo trouxeram os instrumentos metodológicos, que mudaram radicalmente o meu modo de dar aula, prestando atenção não somente nas atitudes das crianças, mas também pensando em nos auto avaliarmos no final de cada aula.

A disciplina "Alfabetização Cultural" com a professora Melissa Lamego trouxe o conhecimento da cultura e nos fez enxergar que esta não está somente nos museus, nos cinemas, mas em nós mesmos. A professora Liana Castro trouxe, através dos livros literários, a possibilidade de nos reconstruirmos a todo instante como um professor investigador. Afinal, leitura e escrita andam de mãos dadas. Heloísa Protásio trouxe em sua aula o ser cognoscente. Como trabalhar com criança e não entender sobre nada disso?

O que me marcou para a realização da monografia foram as aulas da Professora Patricia Gonzalez, com a disciplina de "Fundamentos da Psicologia da Aprendizagem: construção da Lecto-Escrita". Ela falou sobre alfabetização, e logo acendeu uma chama em mim, pois, naquele momento, estava vivendo a alfabetização do meu filho em casa. Percebi ali seus avanços e suas dificuldades na realização das tarefas. Na primeira aula sobre o tema, soube exatamente o que queria defender em minha monografia, embora não tenha experiência com ele.

Esse trabalho está estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, todo o meu contentamento de fazer parte e ter vivenciado toda essa metodologia encantadora, que visa uma formação onde o conhecimento se dá com o outro, na interação, no grupo. E no segundo capítulo, revela o caminhar durante os 3 anos de formação no Instituto Pró-Saber, contando um pouco sobre disciplinas e momentos que marcaram essa jornada. No terceiro, desenvolvo o tema da escrita na educação infantil, porque me identifico muito e, também, porque me sinto segura em falar de algo que mexe comigo e que me impulsiona cada vez mais a desbravar um mundo ainda invisível para as crianças. Espero, assim, poder contribuir para a prática de muitos docentes.

## 1 O DESLUMBRE PELA METODOLOGIA

Ao refletir sobre minha trajetória no Pró-Saber, infinitos foram os sentimentos e o reconhecimento das mudanças que ocorreram em minha vida. Ao pisar pela primeira vez no instituto, a alegria invadiu todo o meu ser. Naquele momento, meus olhos brilharam, pois eu estava diante de uma passagem para um novo mundo, onde a principal protagonista era eu. Ouvia-se o cantar dos pássaros, o barulho da água estalando na fonte, nossos passos rangiam nas pedrinhas do pátio. O verde e o colorido se misturavam numa vegetação muito bem cuidada. As flores pareciam que queriam me dizer algo: - Seja bem vinda!!!

Figura 1 -- Magia



Autor: Fabiana

Ali, eu iria trilhar, escavar e aproveitar os piores e os melhores dias da minha vida. E falar dos piores, é lembrar os desafios que você mesma impõe como as dificuldades, os medos, a insegurança.

Ah! Mas, e os melhores? Quantas pessoas cruzaram meu caminho e me fizeram sentir mais forte, traziam as palavras como segurança e persistência para me adaptar à nova metodologia!

A sala de espera para fazer a entrevista foi angustiante, rostos de meninas, que nunca tinha visto, se cruzavam num ar de disputa e altivez. Minhas bochechas queimaram na entrevista, diante das professoras Elaine Caetano e Heloísa Protásio. Nossa!!! Será que o que disse foi o suficiente para estudar nessa instituição, para garantir essa vaga? Será que realmente vou conseguir articular família, filho, trabalho e estudos? Oh!!! Quanta insegurança.

O Pró-Saber é uma instituição particular, gratuita e seu principal compromisso é com uma educação de qualidade. Em 1987, abriu suas portas para estudos e atendimento psicopedagógico. Em 2004, começou a formar professores que estivessem em serviço, a princípio, só na rede pública de ensino, e depois se expandiu para atender também a rede particular, o que abrangeu muito mais profissionais de educação, que já trabalhavam na área, porém não tinham um diploma.

A metodologia adotada neste curso, sustenta uma concepção democrática de educação, em que o professor não é o detentor do saber. Construimos juntos a aprendizagem. Por isso, é tão importante a presença, a participação e o envolvimento durante todas as aulas. Os professores recebem seus alunos com um sorriso no rosto e uma alegria contagiante. A aula é uma eterna troca, em que nossa bagagem é de extrema importância. O primeiro ano é todo direcionado às nossas vivências, atravessado por perguntas como: Quem foram nossos professores? Que lembranças temos das relações com eles? O que ficou de marcante?

E foi através desse “mergulho em si”, que descobri o motivo de tanta timidez e de aceitar tudo o que era imposto, sem reclamar. Estava dentro de uma educação totalmente autoritária, sem voz nem vez, em que minha bagagem não tinha importância alguma só aquilo que o docente achava que era o certo. Era prescrito um saber, era seguir a cartilha e ponto, como se os alunos fossem robôs. Existia um medo iminente da professora, de que seus gritos e opressões ecoassem na sala.

Hoje, percebo que não há necessidade de gritos para impor a autoridade, a aula deve ser construída numa relação de amor, carinho, atenção e conversa. O professor deve sempre se colocar na altura da criança, pois o simples fato do adulto ser maior do que a criança já a deixa inibida.

Durante o percurso fomos nos desvinculando daquilo que achávamos o certo. Algo que foi muito significativo para mim foi o uso do “tia” para chamar as professoras. Até hoje, estamos acostumados a ouvir a palavra “tia”, nas instituições de ensino, e aceitar como se fôssemos um parente da criança. E na concepção que embasa essa formação, fomos convidados a refletir se temos alguma relação sanguínea com um responsável do aluno. Essa criança é filha do meu irmão ou da minha irmã? Não. E, partindo-se dessa premissa, quebra-se esse primeiro olhar diante da palavra “tia” que vem carregada de submissão desde que as mães precisaram trabalhar e deixar seus filhos com outras, para apenas para passar o dia, sem nenhuma intervenção educacional. Entretanto, com a Constituição de 1988, passou-se a ter um novo olhar para a educação infantil e para os professores.

Atualmente, essas barreiras estão sendo quebradas, e tudo vai sendo desmistificado, quando se valoriza a educação infantil e, mais, quando você se reconhece como docente, que estudou, se formou e possui uma ampla bagagem para conversar com um responsável sobre aquilo que você já tem internalizado.

Agora, me sinto confiante de expressar aquilo que penso, e o grupo foi muito importante para isso. Alexandra Pena (2019, p. 12) fala sobre esse vínculo, amor e respeito, quando diz que: "O aprendizado para o diálogo é um processo que precisa ir além do aprendizado intelectual, ele precisa ser vivido nas situações concretas do cotidiano, no encontro e confronto com outro". Estar em grupo nos proporcionou ter mais confiança e serenidade para lidar com as adversidades.

Tivemos exposição sim e enfrentamento também, quando eram lançadas as tarefas em grupo. Sou tímida, muitos me acham metida, outros, chata, mas sou uma pessoa normal que ri e que chora. Encontrar um monte de educadores, cada um com sua personalidade e realidade de vida, dentro de uma sala, foi muito desafiador. Em alguns momentos, fui escolhida para ser a coordenadora, na realização de algumas tarefas em subgrupo. Esta função, muitas vezes, impõe chamar atenção das pessoas para conversarem sobre tarefas a serem realizadas, intervir de forma um pouco mais rígida, sem agredir, para a realização e entrega do trabalho no prazo. E isto foi uma importante prática para me auto avaliar diante das situações geradas, possivelmente numa dinâmica com os pais, numa reunião com as diretoras, por exemplo.

Me constituí no grupo, enxergando as possibilidades e ampliando o meu pensamento com o outro. Existem vários papéis no grupo como: líder de mudança,

líder de resistência, bode expiatório, porta voz e silenciosos. Nesse sentido Madalena Freire (2008, p. 102) ressalta que "em algumas situações, os silenciosos suscitam críticas por parte de elementos do grupo, porque estes se permitem o ocultamento. Ocultamento que poderá ser aparente, pois o uso da palavra pode, também, ocultar um enorme silêncio..." Eu me percebia muito silenciosa, quieta. E nessa concepção somos convidados o tempo todo a nos expor, falar o que estamos pensando ou sentindo, afinal a minha dúvida pode ser a do colega.

Para começar a construir minha autoria e me apropriar do meu fazer e do meu pensar, para me sentir segura de comunicar meu pensamento e me expor, foi preciso fazer uso da metodologia, me fundamentar com os instrumentos metodológicos, no caso a reflexão. Para Madalena (2008, p. 31), a reflexão possibilita "o rompimento da anestesia do cotidiano, rotineiro, acelerado, compulsivo, passivo, cego".

Era no momento em que as crianças dormiam na creche, com a compreensão da minha equipe, que eu conseguia tirar pelo menos meia hora para estudar um pouco e fazer as sínteses diárias das aulas.

No processo de formação de educadores, é de extrema importância a execução do registro enquanto ação sistemática no ritual do educador. Nesse sentido, a proposta do curso de formação do ISEPS se estrutura de forma propiciar esse exercício, primeiramente, através da escrita sobre a aula, da sua síntese, que exige o exercício do registro em dois momentos distintos: primeiro, no ato da mesma da aula, e depois, já distanciado dela (GENESCÁ; CID, 2013, p. 77).

A escrita me fazia voltar à aula, organizar o pensamento, ressaltar dúvidas remanescentes e assim, minhas escritas viraram registros das memórias de minha aprendizagem. Coisas que o tempo jamais apagará.

Quando o educador observa e escreve, ele cria um registro que, a qualquer momento, pode ser consultado e com o qual pode vir a ressignificar, inspirar e orientar sua prática pedagógica. É ainda, através do registro do que foi vivido e observado, que se pode avaliar o que deu certo ou não em uma atividade, criando-se a possibilidade de se o fazer o novo, o inédito. Afinal, cada um é único e os momentos são distintos. Sendo assim, um educador comprometido com seus alunos deve registrar as situações do dia, as falas dos alunos, seu comportamento e interesse nos diferentes momentos da aula. Como afirma Freire (2008, p. 52), "o instrumental que disciplina sua prática de pesquisa, de estudo, é a observação e a reflexão".



Outro momento em que a reflexão foi essencial para meu crescimento foi quando eu perguntava algo, porém nem todas as respostas eu entendia realmente. E falava que sim, para fugir daquela situação de medo e enfrentamento. Estando esses anos mergulhada nessa metodologia, pude perceber que venci essa dificuldade ao voltar à minha infância, perceber e identificar como era a relação com os meus professores e quais as marcas que foram deixadas, para que eu, através de um olhar mais crítico, pudesse encontrar uma forma diferente. E foi o ato de refletir que tornou isso possível: “O ato de refletir é libertador porque instrumentaliza o educador no que ele tem de mais vital: o seu pensar.” (FREIRE, 2008, p.48).

Neste momento, me vem à cabeça o tratamento de alguns educadores que estiveram comigo durante minha alfabetização. Destaco a professora Eliana, que lecionava com amor e foi um espelho de educadora para mim. Sua voz mansa, educada e com um sorriso contagiante, conquistava a todos. Senti esse mesmo carinho dos professores do Pró-Saber. E dessa forma, sendo a aula construída entre professor e aluno, nos sentíamos à vontade para expressar o que pensávamos, nosso pensamento era o ouro. Segundo Freire (2008, p. 85), “para pensar e aprender tem-se que perguntar. E para perguntar é necessário existir espaço de liberdade e abertura para o prazer e sofrimento inerente a todo processo de construção do conhecimento.” Conhecer nossos alunos é primordial para uma aprendizagem significativa. O contato e o olho no olho são essenciais para se vencer as adversidades.

Também era notório a rigidez, quando chegávamos atrasados. Eu ficava tão chateada e tinha que rezar todos os dias para a rua São Clemente não estar parada; dava vontade de chorar. Mas a rigidez que, muitas vezes nos deixava desanimados, por causa de um ou dois minutos de atraso, representava o respeito com todos. Somos livres para pensar e agir, porém, num espaço público, existem regras que precisam ser respeitadas.

E assim, estudamos nessa concepção de ensino sobre a importância do rigor que se mostra presente diariamente na instituição, nas cobranças de presença e das tarefas, do horário de chegada e de saída, do retorno do intervalo, impondo os limites necessários. A omissão abre brechas para desculpas, para a indisciplina, que vem como algo desestruturante do processo de construção do conhecimento. Como diz Madalena “a autocomplacência é o cupim invisível que corrói lentamente essa possibilidade de entrega, oferta para transformação minha e do outro”. (FREIRE, 2008,

p. 37). E ainda: “Nenhuma autoridade se constrói na autocomplacência, pois esta é o embrião da omissão. E não tem arma mais autoritária que a omissão” (FREIRE, 2008, p. 38).

Estar matriculada no Pró-Saber me fez conhecer uma nova metodologia de ensino, que dá ao aluno a possibilidade de mergulhar em suas vivências e recriar. Todo o corpo docente, desde a reitora até o auxiliar de serviços gerais, trata os alunos de forma muito respeitosa e carinhosa, estabelecendo ali uma grande família. O Pró-Saber traz um ambiente acolhedor e alegre com suas flores, se diferenciando de qualquer outra instituição de ensino. Nos faz sentir em paz e seguro para um melhor aproveitamento da aula. Aqui me senti acolhida como numa grande família, onde reinavam a parceria, o respeito e o comprometimento. A aprendizagem se dá através das trocas de nossas vivências e experiências. Os docentes possuem um olhar acolhedor, nos convidando a participar e interagir nas aulas e assim, construir uma aprendizagem significativa.

Diante desse processo de aprendizagem Madalena traz os instrumentos metodológicos para garantir a excelência e as crianças são vistas como as principais protagonistas dessa ação, junto com os professores. São eles: a observação de cada ação, onde cabe um olhar atencioso e acolhedor; o registro, não somente a aula em si, mas do meu ensinar, sendo crítica para futuros avanços e o planejamento de cada passo percorrido e a avaliação da aula. Esses passos garantem uma aprendizagem expressiva.

As aulas têm uma didática que as permeia: a chamada, a nutrição estética e os pontos observação (aprendizagem, dinâmica e coordenação). A chamada é o primeiro momento da aula, em que o aluno se faz presente, variando seu formato; pode ser uma chamada corrida ou aluno pode ser convocado a ofertar algo que possa ser compartilhado com o outro, como uma palavra, um sentimento, uma reflexão sobre algum estudo da aula anterior. A nutrição estética acontecia através de um livro, uma citação, um vídeo, uma imagem, uma obra de arte, que nos fizesse pensar sobre o conteúdo da aula ou não, com algo que vinha somente para instigar e nutrir nosso pensamento, ampliando nosso olhar para a beleza.

O ponto de observação de aprendizagem é composto por uma pergunta do professor que vai nortear a aula, como o que ficou de mais significativo, de importante da aula. O ponto de observação da dinâmica consiste em observar a movimentação

dos alunos diante de uma pergunta pré-determinada: quem foi o mais falante?, por exemplo, instigando a turma a pensar, se houve conversas paralelas, quem foi mais silencioso. E o ponto de observação da coordenação avalia a movimentação do professor diante do seu planejamento como: conseguiu responder todas as perguntas dos alunos? Conseguiu apresentar a matéria de forma que todos entendessem? Cumpriu com o horário? A partir daí, olhares se desdobravam para acompanhar esses pontos de observação, que seriam compartilhados com todos no final da aula.

Como antes de entrar no Pró-Saber, eu havia cursado até o quarto ano de pedagogia, numa universidade particular, as diferenças eram exorbitantes. A começar pela estratégia trazida pelo professor, que geralmente partia de uma premissa que ia se desdobrando, como algo pré-estabelecido, que dificilmente se modificava no decorrer da aula.

Diferente deste modelo, no Pró-Saber, as aulas são planejadas com muita criatividade; o professor pensa, reflete e, no decorrer de sua aula, vai fazendo os encaminhamentos, intervenções e devoluções necessárias, levando em conta a participação do grupo e dos individuais. Que tema eu vou abordar? O que posso trazer, como posso conduzir, para alcançar o que foi planejado? São questões constantes no ensinar da coordenação, que vai costurando seu planejamento com o grupo. A aula é de fato construída junto com a turma.

Todas as aulas têm tarefas que são fundamentais para a construção do conhecimento. São constitutivas da aula e sempre há uma para ser feita em casa, a qual chamamos de síntese da aula. Na síntese, escrevemos sobre a aula, de forma reflexiva, a partir de três pontos: minha aprendizagem, a dinâmica do grupo e a coordenação. Essa escrita é uma devolução, que direciona o olhar do professor perante a aprendizagem da turma. Ele pode voltar a falar na próxima aula a partir de possíveis dúvidas decorrentes do modo de lecionar aquele conteúdo.

Em toda minha infância escolar, não tive direito à voz, espaço para me colocar, ser ouvida. Eu sempre ouvia temerosa a professora; os gritos geravam o medo de ser chamada atenção perante a turma e, fizeram parte da minha história. Fomos acostumados a sempre aceitar tudo, o que é fruto da concepção autoritária, em que sempre estive inserida, e que Madalena nos fez refletir. Esta concepção nos faz nos sentirmos constrangidas no momento de falar o que pensamos, de nos expor, de magoar outra pessoa. Mas a concepção democrática nos traz a chance de falar, de

expor o que estamos sentindo, e o outro, professor ou o colega, está disponível para ouvir, sem que isso possa causar mal-entendido ou desconforto.

Antigamente e ainda hoje em outros contextos, só o professor era o detentor do saber. As carteiras da sala eram em fileiras e os alunos não trocavam suas experiências, apenas ouviam. Não podiam questionar. Estudar no Pró-Saber me proporcionou olhar para mim e descobrir o porquê de tanta timidez e medo ao falar. As pessoas precisam ouvir o meu pensar e não é só isso, eu sou um ser de cultura, eu produzo cultura. Quando a gente passa a se enxergar como um ser de cultura, as coisas mudam, você se sente mais valorizado.

Concluo, com tudo que aprendi, que nós e as crianças aprendemos na interação uns com os outro, nos colocando no lugar no outro, conversando. E o uso dos instrumentos metodológicos de Madalena Freire são um alicerce para a mudança de olhar e de atitude para se conquistar uma educação infantil de qualidade.

## 2 A IMPORTÂNCIA DE CADA DISCIPLINA

Fazer uma reflexão sobre os três anos de curso é mergulhar numa aprendizagem acolhedora, investigativa, onde aprendemos a levantar hipótese e a aprender uns com os outros. É mergulhar em um local onde nos sentimos valorizados, porque podemos olhar para dentro de nós mesmos, nos desbravando.

Não posso deixar de falar do medo que me acompanhou durante todo o processo, principalmente, nas aulas onde era escolhida para fazer um ponto de observação. Lembro-me quando fiz o ponto de observação de Madalena, avaliando sua coordenação. Madalena, em *Vida de Professor*, ressalta que "a cada aula, um passo, um escorregão, a vontade de desistir, de fugir, o não se acreditar. Mas, a cada nova aula, uma batalha conquistada."

Nossa!!! Como minhas bochechas queimavam para conseguir conciliar a aula e descrever o que ela pedia como foco do ponto. A observação era constante a cada fala e a cada gesto, tudo era registrado. E assim é o trabalho de um docente comprometido com a aprendizagem e com as conquistas de suas crianças.

Nas aulas de "Prática Metodológica", com as professoras Madalena Freire e Clara Araújo, pude compreender o que é ambiente público e privado. O ambiente público requer comprometimento, respeito, regras, uma rotina. Diferentemente do privado, onde você tem total liberdade em fazer o que quiser, entre o levantar e o deitar, você que escolhe. O ambiente público exige regras, escolhas, estudo, rigor, e estes são ingredientes para que a aprendizagem aconteça. Entretanto, sem a construção de um vínculo sólido e sem o desejo, nada acontece, uma vez que "só aprendemos e ensinamos por amor ou por ódio, nunca na indiferença" (FREIRE, 2008, p. 25).

Grandes também foram as aprendizagens na disciplina "Etapas Evolutivas do Desenho". Depois dela, os rabiscos das crianças passaram a ter o nome de garatujas. Aprendi que com intencionalidade ou sem, as crianças deixam marcas no papel. E aos poucos, seus traços ganham formas retas ou circulares, representam escritas. Assim vão descobrindo o mundo que as cerca, expressando no papel sua realidade de vida.

Os instrumentos metodológicos nos possibilitam fazer educação com um novo olhar, onde a observação, o registro, o planejamento e a avaliação, tornam-se

permanentes no ensinar do professor. Sendo assim, é possível o profissional de educação atuar em sala de aula com autonomia e destreza, propiciando uma aprendizagem significativa para seus alunos, onde há espaço para o diálogo, os questionamentos, as dúvidas, as incertezas e o levantamento de hipóteses pelos educandos. Nesse processo de ensino aprendizagem, todos sempre têm algo para compartilhar.

Na disciplina “Educação Especial e Perspectiva de Inclusão”, com a nossa querida professora Ana Elizabete, compreendi o mundo sobre a perspectiva do olhar da pessoa com deficiência. A falta de acessibilidade na cidade do Rio de Janeiro, onde moramos, nos faz refletir o quanto é preciso avançarmos em nossas políticas públicas, para que assim possamos garantir os direitos dessas pessoas, como efetivamente incluídas na sociedade.

Nessas aulas também fomos capacitados, a partir da conscientização de que é possível, com criatividade, a criar materiais pedagógicos feitos de sucatas e materiais recicláveis, e transformar os mesmos, reutilizando-os para que sirvam de recursos para nos apoiar nas atividades em sala de aula, com os nossos alunos, desenvolvendo assim um trabalho de inclusão que atenda à necessidades de todos. Tivemos a possibilidade de conhecer e sentir alguns objetos importantes na vida de um portador de alguma necessidade especial: como bengala, soroban, alfabeto Braile, furador alto, relevo para desenho, entre outros. Pude perceber o quanto existe de preconceito e que, quanto mais cedo as famílias procurarem ajuda para o desenvolvimento de uma criança com deficiência, melhor será sua condição de vida.

Para uma melhor didática quanto ao uso da tecnologia, fomos apresentados à professora Flávia, que foi nos auxiliando durante as aulas de TICS, nos provocando a pensar quanto ao uso responsável da rede, e nesse exercício, obtivemos conhecimentos práticos dessa ferramenta. Aprendemos a usar o Google Docs, a enviar e-mail com cópia, mexer com o texto colocando imagens. etc.. O que facilitou bastante a organização e produção dos nossos textos digitados, bem como a escrita colaborativa que nos permite construir juntos os trabalhos de subgrupos.

As aulas de “Oficina de Leitura e Escrita”, com a professora Liana Castro, ganharam um lindo destaque em nossas lembranças. Estas nos fizeram pensar em como chegamos paralisados na leitura e na escrita, e o quanto, através de um trabalho rigoroso e disciplinado, pudemos desfrutar do privilégio de conhecer alguns autores

da literatura como: Maria Carolina de Jesus, Bartolomeu Campos de Queirós, Clarice Lispector, Conceição Evaristo, entre outros. Eles foram modelos, servindo de inspiração para nós, trazendo novamente o encantamento pela leitura de suas obras e o resgate de nossas autorias. Para contar detalhadamente todo esse processo, produzimos portfólios com textos de estudos, sínteses, fotografias dos nossos momentos em grupo e em aula.

Figura 2 -- Vencendo a timidez



Foto: Thayane

E não poderíamos deixar de citar a maravilhosa lembrança de estar pela primeira vez no Teatro Municipal, com a professora Melissa Lamego, com a “Alfabetização Cultural”. Esta disciplina nos acrescentou experiências incríveis e inovadoras, como as visitas a museus e espaços que nunca antes havíamos frequentado. Aprendemos sobre a importância do pertencimento e da representatividade, levando para nossas crianças essas propostas de passeios, para que desde cedo possam ter a oportunidade de conhecer e fazer parte da nossa história, da cultura e história do nosso país.

Figura 3 – Anestesiada



Foto: Fabiana

O filme “ O carteiro e o poeta” foi um disparador para novas propostas, assim como a visita à Bienal do Livro e ao Passeio, bem como a nossa apresentação em Paraty. Foi um grande investimento da faculdade, que apostou na nossa capacidade, agora assumida, de deixar nossa marca registrada no mundo. Fomos à Paraty fazer uma apresentação inspirada pelo grande Arthur Bispo do Rosário, onde falamos de nossas vidas, contamos um pouco da nossa história. Foi muito grandioso fazer parte e representar o Pró Saber na Flip!

A ida à Paraty foi toda custeada pelo Pró Saber, desde o transporte até alimentação. No dia da partida tínhamos que chegar cedo na instituição, logo todos os outros alunos foram chegando e nossos corações foram se enchendo de ansiedade e muita felicidade.

Figura 4 -- Indo para Paraty em frente ao Pró Saber





Já sabíamos o que tinha que ser feito, porém, o medo do desconhecido, que nos assustava, também nos impulsionava a desbravar. Paraty é um cartão postal, onde muitos tiveram o prazer de pisar pela primeira vez. Naquelas ruas de pedras, íamos ficando mais íntimos uns com os outros. Conversamos sobre sonhos, desejos, expectativas, formatura, etc. Quantos sentimentos entrelaçados num momento que era só nosso! E, além de tudo, mostramos para as pessoas nossa força, de onde viemos e quem somos.

Figura 5 -- A conquista



Foto: Gessy

E isso só foi possível diante do que aprendemos num lugar, que nos fez enxergar que uma educação de qualidade está atrelada ao amor, à confiança, à observação, à reflexão e ao registro.

A professora Melissa nos proporcionou um “olhar para si”, nos vendo como seres de cultura, que produzem cultura. Cultura essa muitas vezes foi recebida de nossos ancestrais, passando de geração em geração numa família. Isso é cultura e poucos tinham essa noção. Quando falamos em cultura, tendemos a olhar para fora, como teatro, cinema, museus, nunca para si. Nessa aula, saímos com certezas, mais confiantes e convictos do que queremos ser, professores, referência para nossos pequenos.

A aula da professora Adriana Fortuna, na disciplina “Construção das Estruturas Infralógicas e Lógicas”, trouxe para nós, uma grande diversidade de brincadeiras para o desenvolvimento da matemática, as quais poderíamos colocar em prática dentro do espaço escolar. Estas atividades nos fizeram desenvolver um novo olhar para um universo repleto de possibilidades riquíssimas, ajudando, assim, no desenvolvimento

cognitivo da criança. Ela nos presenteou, quando arrumou o segundo andar do Instituto, nos proporcionando vivenciar na prática de alguns jogos como: a matemática em soma de cartas de baralho, dominó entre outros.

Durante nosso caminho, houve disciplinas que nos ajudaram a entender como se dá, não só a evolução do desenho, mas também da escrita das crianças e suas fases. Na disciplina “Alfabetização e sua Didática” e “Fundamentos da Psicologia da Aprendizagem: Construção da Lecto-Escrita”, observamos nas aulas das professoras Patrícia, Priscila e Clara, o estudo da teoria de Emília Ferreiro sobre a construção do conhecimento das crianças sobre a leitura e a escrita. Através do estudo de seus textos, fundamentamos nossos conhecimentos para atuar na prática, trazendo a compreensão da importância das crianças vivenciarem esse processo de alfabetização de forma lúdica, onde a brincadeira se faça presente, permeando todo o percurso, conquistando assim positivamente, com alegria e encantamento, cada desafio lançado, criando um vínculo positivo com a leitura e a escrita.

E o terceiro ano do curso ainda trouxe como desafio externo o enfrentamento da pandemia de Covid-19 pela qual passando em 2020. Com o distanciamento social, a ação de estarmos conectados com o grupo, mesmo que a distância, nos encoraja a prosseguir no enfrentamento do nosso trabalho final do curso, esta monografia. Para manter esse ritmo de interação, os professores e nós, alunos, tivemos que nos reinventar diante do desconhecido, usando a tecnologia como ferramenta para comunicação e aproximação, alimentando, assim, nosso desejo pelo conhecimento em um novo modo de conviver e estar com o outro.

### 3 O DESPERTAR DE UM LEITOR

O bebê ainda no ventre da mãe escuta sons, como por exemplo, o coração da mãe batendo, a voz da mãe conversando com ele, do pai, dos irmãos, enfim todas as pessoas que estão muito próximas à mãe. Nesse momento está começando a se estabelecer uma relação de amor e a criação de um vínculo entre o bebê e a mãe. Logo que a criança nasce, já começamos a conversar com ela, a fazer movimentos e sons com a boca, a fim de que ela interaja da mesma forma, podendo assim começar a se expressar. Muitas vezes, pegamos brinquedos, sonoros ou não, e damos movimentos a estes, apresentando-os a criança, para que ela olhe e tente pegar, e dessa forma estimulamos para que o imite os sons, por exemplo.

O que a criança está fazendo com essas primeiras interações, que acontecem muito antes de começar a pensar em ler e escrever propriamente, é uma leitura de mundo. Ela está fazendo uma leitura do mundo, desde que nasce e é colocada nos braços de sua genitora. Naqueles momentos, ela faz uso dos sentidos para interagir com o mundo, como o olfato para sentir o cheiro do leite, e o tato, quando sente o aconchego da mãe. É o jeito de pegar, o cheiro, o som da voz que vão dando indícios, ou seja, que permitem que o bebê "leia" o que acontece à sua volta. E assim ele vai começando a se comunicar, entendendo, por exemplo, que é necessário chorar para dar notícia de um desconforto, seja uma fralda molhada ou fome. Quando seu choro é atendido, é estabelecido ali uma leitura de mundo essencial para a vida, toda vez que a criança sentir alguma coisa irá chorar.

Este processo de leitura de mundo, que se inicia logo ao nascimento, se estende por toda educação infantil. No espaço da creche, a criança irá se utilizar do conhecimento, das estratégias construídas por sua leitura de mundo. Logo nos primeiros dias, a criança vai chorar até se adaptar às novas pessoas, ao ambiente, aos amigos, mas logo irá entender que em breve o responsável irá buscá-la e levá-la para seu lar com todo carinho e proteção. Por isso, as regras e os combinados são tão importantes, para que ocorram todas as atividades de modo que os estimulem na construção de um vínculo positivo. Segundo Madalena Freire (2005),

Ler não é só ler palavras. Escrever não é só registrar palavras. Ler é dar significado. Ler é pensar, interpretando, decifrando significados. Lemos imagens. Lemos sinais do clima, se chuva, se sol... Lemos situações de medo, prazer, perigo... Lemos o outro e a nós mesmos. Lemos o mundo. Escrever é marcar, registrar o que se pensa. Escrevendo, "guardamos" nosso pensamento para não ser esquecido. A criança já "lê" e "escreve" sobre o que

pensa, muito antes de entrar na escola. Lê indícios sonoros, gestuais, que anunciam, comunicam situações ou fatos (FREIRE, 2005).

A leitura de mundo está presente desde o nascimento da criança, através da leitura de indícios. Portanto, quanto mais oferecermos formas diferenciadas de interação com o mundo, através das diferentes linguagens, melhor estamos contribuindo para o desenvolvimento positivo nesse processo de construção da leitura e escrita.

As crianças, através da leitura de mundo, estão sempre se conectando ao ambiente em que vivem: interpretando, pensando, agindo sobre ele. Muitas vezes não levamos em consideração o saber, o pensamento da criança, por achar que ela é muito pequena para tal atitude, diminuindo sua capacidade de raciocínio. Mas elas provam o tempo todo que são capazes e espertas para entender o que se passa ao redor. Por exemplo, a criança que acorda cedo diariamente e é arrumada para ir à instituição de ensino, nesse momento está pensando, criando hipóteses sobre sua realidade de vida. Ou, quando desenha uma pessoa de sua família, de quem tem maior aproximação, está pensando sobre o mundo, e se comunicando com ele. Sendo assim, precisamos conhecer sua história, sua rotina, sua família para poder compreender e estimular uma conexão eficaz.

Em seu texto “Da leitura de Mundo à Leitura da Palavra”, Madalena Freire diz que “o desenho é o primeiro registro da criança. Registro pensante do que a criança conhece, deseja, lê do mundo. Portanto, ele é um “texto”. Necessita ser discutido. Para possibilitar assim, ampliação do que a criança sabe e do que ainda não conhece”. Sendo assim, podemos dizer que o desenho é a primeira escrita da criança, sua forma de expressar e comunicar com o mundo.

Na educação infantil, o desenho é o principal instrumento para percepção do desenvolvimento das crianças. Nesse aspecto Emilia Ferreiro ressalta que “a criança procura compreender a natureza dessas marcas especiais”. Nele, as crianças criam e recriam maneiras individuais de se expressarem. Mas para que esse processo seja positivo e construtivo, é necessário o empenho do professor criando possibilidades diferenciadas, com materiais diversificado, oferecendo obstáculos e desafios em um ambiente tranquilo e acolhedor.

Vários contextos podem ser oferecidos para auxiliarmos no processo de construção da leitura e da escrita. Na educação infantil, se trabalha todo momento

dando função à escrita, entendendo ser necessária a compreensão dessa função para a construção significativa da escrita pela criança. A todo momento, a criança está em contato com letras, códigos e números. Seja numa simples visita à casa da vovó, onde é necessário “ler” a indicação do ônibus a ser pego, na digitação no celular a procura de vídeos de seu interesse, quando respondemos uma mensagem de WhatsApp ao seu lado, nos anúncios e placas pela cidade, um irmão mais velho estudando, etc. Todos esses exemplos despertam a curiosidade e o desejo da criança sobre esses símbolos que estão à sua volta. O meio letrado em que as crianças das cidades estão inseridas as coloca em contato com diversos tipos de texto e elas vão criando hipóteses sobre o que está escrito, pensando sobre o que está escrito.

E é aí que o lápis e o papel assumem um papel importantíssimo, um espaço onde a criança vai poder registrar suas primeiras hipóteses sobre esse sistema de escrita que está a sua volta. Estimular, desde bem pequenos, que escrevam, desenhem, registrem diariamente, da forma como conseguem, é abrir possibilidades de imaginarem, pensarem, criando hipóteses. E para isso, é preciso um professor comprometido, que faça uso dos instrumentos metodológicos, e que ofereça oportunidades de leitura e escrita, trazendo atividades práticas em diferentes formatos e momentos, visando ampliar o contato da criança com o mundo letrado. Ser um modelo de leitor e escritor e assumir o papel de professor leitor e escriba são grandes diferenciais neste universo letrado, onde todas as oportunidades devem ser aproveitadas.

Ter um olhar diferenciado para as crianças, respeitando suas fases e seus limites é também essencial neste momento. Promover momentos de interação com crianças de outras idades, para que troquem e ampliem os conhecimentos, faz com que tenham outros modelos, além do professor, e ainda entrem em contato com conflitos diante das diferentes hipóteses e momentos dos colegas.

Pensar na formação do leitor, além do acervo, que deve ser rico, não só em quantidade, mas em diversidade. Espaços para a interação com os livros devem ser preparados e convidativos e é necessário pensar nas formas que a leitura pode ser apresentada. Para que a criança consiga alcançar um resultado construtivo, os vários aspectos que envolvem a leitura devem ser levados em conta.

Para que a realidade e a fantasia, tão presente no universo infantil, façam sentido, uma das estratégias seria oferecer diferentes tipos de práticas de leitura, pois

assim várias possibilidades para ampliar este processo de construção acontecem. São elas: a leitura com os ouvidos ou mediada - feita pela voz do leitor; a leitura de imagem - usada constantemente pela criança criando histórias através das figuras; a leitura intensiva - com repetição da leitura para melhor reconhecimento e entendimento; a leitura oralizada - trazendo a riqueza da leitura das crianças ao seu modo e a leitura dialógica - que dá voz e vez às crianças para que explorem seus entendimentos, dúvidas, explorações sobre o livro.

Outro aspecto essencial, neste processo de formação do leitor/escritor, é colocar a criança no centro do processo de aprendizagem, e trabalhar a função da escrita, dando espaço para que as crianças falem sobre ela, para a partir daí, refletirmos sobre as hipóteses que as crianças constroem sobre a leitura e a escrita. E foi exatamente este olhar que Emilia Ferreiro fez em sua pesquisa sobre a Psicogênese da Língua Escrita.

Segundo esta autora, o processo de alfabetização vai muito além das quatro paredes da sala de aula, e a questão da alfabetização não poderia mais girar em torno de como se ensina, ou seja, dos métodos para se alfabetizar. Era preciso uma mudança no olhar.

As pesquisas de Emilia Ferreiro e colaboradores romperam o imobilismo lamurioso e acusatório e deflagraram um esforço coletivo de busca de novos caminhos, deslocando a investigação do “como se ensina” para o “como se aprende”, Emilia Ferreiro descobriu e descreveu a psicogênese da língua escrita e abriu espaço - agora sim - para um novo tipo de pesquisa em pedagogia (WEISZ, 2011, p. 4).

Desta forma, a autora repensa toda a prática escolar. A alfabetização, segundo Emília Ferreiro, não deve acontecer somente na sala de aula; as quatro paredes são pequenas, mediante os espaços em que a criança pode construir saberes. Suas pesquisas mudaram a forma de olhar esse processo, antes restrito, conseguindo algo inovador, abrindo outros caminhos que vão muito além da forma como ensinar, se preocupando em como o educando aprende e assim em como conseguir proporcionar aprendizagens significativas. Emília defende em seu estudo, que o processo educativo é baseado na construção de hipóteses da criança sobre seu processo de escrita.

Nesse processo com uma concepção diferente, com a discussão centrada em como as crianças constroem o conhecimento, volta-se o olhar também para o

profissional, o professor que pensa nos objetivos que se quer alcançar, que conhece a teoria e tem um olhar observador para o desenvolvimento da criança.

Para tanto, os instrumentos metodológicos de Madalena Freire se tornam ainda mais essenciais, guiando todo esse processo de construção da criança, a dinâmica das aulas, os encaminhamentos e intervenções necessárias. Será preciso observar, refletir, registrar, avaliar e mais do que nunca, planejar. É no momento da reflexão que juntamos a prática com a teoria, permitindo refletir em inúmeras possibilidades. O registro favorece refletir no meu ensinar, pensar no que as crianças precisam ser estimuladas para uma aprendizagem significativa. Permite fazer auto avaliação, sendo crítico consigo mesmo, relevando o que precisa melhorar, ajudando a organizar os pensamentos. Planejar, dentro desse novo contexto, seria propor atividades pensadas dentro das hipóteses das crianças.

A observação também irá guiar nosso olhar para os conhecimentos prévios que a criança traz e, ainda para olhar para os erros não mais como algo negativo. Emília Ferreiro, com sua pesquisa, muda o olhar da educação também em relação aos erros que antes, nos métodos tradicionais, eram vistos de forma negativa, como uma frustração de não alcançar o que se desejava. Para ela, o erro é visto como parte do caminho, como parte da construção. É como se não fosse erro, mas sim alguma coisa que ainda não foi alcançada, um processo em construção. Os erros são construtivos e, através deles, o professor intervém e eles se estabilizam.

A alfabetização na educação infantil vai muito além do que aprender letras do alfabeto, é a oportunidade das crianças e dos bebês presenciarem em sua rotina percepções lógicas da escrita como: a escrita tem uma estrutura própria (não se fala como escreve), a escrita é fixa (as palavras não mudam), e possui vários papéis perante a sociedade. A leitura e escrita têm papéis distintos, porém, indissociáveis. Exigem habilidades diferentes, portanto, é plausível encontrar um aluno que saiba ler fluentemente e apresente dificuldade para produzir um texto.

Conforme já foi dito, a escrita, em diferentes linguagens, é apresentada à criança desde o seu nascimento, seja pela oralidade, pelos gestos, pela dança, pela música e etc. E então, ela começa a produzir sua escrita, quando deixa marcas com o seu próprio corpo, indica com gestos que quer algo, nas expressões corporais, trabalho com arte (pinturas, colagens).

Pensando na formação do escritor, o convívio com diversos tipos de escrita como bilhetes, revistas, teclado do celular, etc, é essencial, pois dá a oportunidade da criança observar muitas combinações de letras, textos que estão ao seu redor, levantar hipóteses e refletir sobre a língua escrita. Durante essa interação com as letras, a curiosidade é despertada e nós, enquanto educadores, devemos nos aproveitar deste interesse e oferecer oportunidades significativas de escrita.

É importante afirmar que todas essas interações devem sempre ser através do brincar: em jogos pedagógicos, na chamada, na procura pela agenda escolar e etc. Sendo assim, Vygotsky (1993) afirma que:

o melhor método é aquele em que as crianças não aprendam a ler e a escrever mas, sim descubram essa habilidade durante a situação do brinquedo. Para isso é necessário que as letras se tornem elementos da vida das crianças, da mesma maneira como, por exemplo, a fala. Da mesma forma que as crianças aprender a falar, elas podem muito bem aprender a ler e a escrever (VYGOTYSKY, 1993, p. 134).

Emilia Ferreiro, em sua pesquisa, observou que,, na tentativa de compreender o funcionamento do sistema de escrita, a criança elaborou teorias, criou hipóteses, que foram classificadas por ela como: hipótese pré-silábica, silábica, silábica alfabética e alfabética. A fase pré-silábica é um período em que a criança percebe que a escrita é diferente do desenho, ela compreende que pode usar letras e números para se expressar. Acontece, então a distinção entre a representação icônica (desenhos e símbolos) e não icônica (escrita). Neste momento, elas não entendem a escrita como a representação da fala. Esta hipótese, por abranger crianças, normalmente, na faixa etária de 2 a 5 anos, é a mais presente na educação infantil.

Num segundo momento, ainda dentro da hipótese pré-silábica, a crianças fazem relação da escrita com o tamanho do objeto; é o realismo nominal. Variadas são as hipóteses da pré-silábica: o grafismo primitivo é a primeira tentativa de diferenciar o que é desenho do que é escrita; a pseudo letra é composta de sinais gráficos em que ziguezague, ondulados quebrados, traços verticais ou circulares, imitando a escrita do adulto; a escrita unigráfica consiste na repetição da mesma letra para representar várias palavras ou até mesmo uma história; na escrita fixa, onde uma mesma série de grafias representam uma palavra, a mesma escrita serve para diferentes palavras e na escrita sem controle de quantidade, não há critérios de números e letras para representar uma palavra e essas letras podem preencher uma linha toda.



No final da hipótese pré-silábica, a criança entende que precisa de uma quantidade mínima de letras para se escrever uma palavra, em torno de três, e que precisa haver uma variação no repertório dessas letras. Ter esse conhecimento das hipóteses de escrita é essencial para que o professor possa contribuir para a formação do escritor.

Na educação infantil, uma excelente forma de se começar esse processo de aproximação à língua escrita é através do trabalho com o nome próprio que é a primeira referência para a criança. A partir do nome, ela percebe que sua identidade é única, é a sua marca pessoal que a insere na sociedade, a faz um ser social.

Com essa metodologia, uma série de possibilidades se abrem como fazer identificação na chamada, no cantinho das mochilas, dos seus pertences, onde as crianças brincam com os nomes, identificando semelhanças e diferenças, contando a quantidade de letras, ou seja, usando seus nomes para pensar sobre a escrita. Elas passam a entender que esse conjunto de letras é sempre escrito do mesmo jeito, tornando fácil localizá-lo. Nesse processo, elas começam a perceber a diferença entre pronúncia e grafia. Importante conquista, que junto as intervenções do professor, faz esse conjunto criar sentido, necessitando o aprendizado de como escrevê-lo.

A criança procura utilizar suas vivências e experiências para dar sentido ao que faz, mas aprender a ler e a escrever não é algo que aconteça espontaneamente, ou seja, o saber da criança, por si só, não é suficiente para que ela se torne um leitor e um escritor. E nesse aspecto, as intervenções do professor são essenciais. Ele tem o conhecimento das normas da língua e tem a capacidade de impulsionar um processo de construção significativa, através de um olhar diferenciado, entendendo as individualidades de cada aluno.

Com tudo que aprendi com esse tema e com o uso da metodologia de Madalena Freire, procuro, atualmente, provocar uma transformação contínua, com uma comunicação enriquecedora para ambas partes.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pró Saber foi um pulmão na minha vida. A cada encontro, me enchia de saberes enriquecedores. Sua metodologia me proporcionou mergulhar não só na minha, mas nas histórias de meus colegas e me proporcionou enfrentar medos e frustrações. Me proporcionou chegar à sala de aula e expressar o que carregamos de único para nossa prática. Os instrumentos metodológicos são um diferencial para uma sala de aula inovadora, que enxerga a criança como protagonista.

Essa monografia traz não só meus caminhos percorridos e a minha formação, mas também o que aprendi sobre a evolução do processo de leitura e escrita, que parte da leitura de mundo feita pelas crianças, desde seu nascimento, seguindo por seu caminhar na educação infantil. Não posso deixar de citar aqui todos os meus colegas e professores que juntos me inspiraram e que, a cada relato, me faziam refletir, para construirmos conhecimento coletivamente. E assim, me impulsionaram a refletir sobre o mundo ao meu redor, me proporcionando ser mais crítica e segura, a me impor, e a acreditar no meu potencial, mesmo sentindo medo. A conquista da escrita, do hábito de escrever, não somente para fazer uma avaliação das crianças, mas sobre a minha prática, foi um ganho e um diferencial desta formação.

Todas as disciplinas foram desenvolvidas de forma esclarecedora, levando em conta o saber de cada aluno, e estas me encorajaram a assumir o papel de uma educadora que leva em consideração a bagagem do aluno, exaltando suas potencialidades, fazendo deste ser, uma criança pensante e crítica, diante das adversidades.

Espero que esta monografia sirva de material de pesquisa para outros, principalmente profissionais da área da educação. Que todos os dias possam impulsionar ainda mais os saberes de cada criança, apresentando o mundo letrado para elas, levando prazer a cada uma pela leitura e pela escrita. Que seja leve e encantadora, que seus educandos possam ver despertar reflexões e juntos construir suas próprias histórias. Por isso, conversem, cantem, leiam e brinquem com elas... o acolhimento e o vínculo construídos no amor são fundamentais para construção da aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Projeto Leitura e Escrita na educação Infantil** [online]. UFMG; UNIRIO; UFRJ. Disponível em: <http://www.projetoleituraescrita.com.br>. Acesso em: 1 nov. 2020.
- FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e terra, 2008.
- FREIRE, Madalena. **Da Leitura de Mundo à Leitura da Palavra**. Rio de Janeiro, 2005. *Mimeo*.
- FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- GENESCÁ, Ana; CID, Lucia (orgs.). **Pró-Saber: imaginação e conhecimento**. Rio de Janeiro: Edições Pró-Saber, 2013.
- LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário**. São Paulo: Artmed Editora, 2002.
- PENA, Alexandra. Diálogo, encontro e agir ético: a contribuição das histórias de vida para a formação. *In*: KRAMER, Sonia; PENA, Alexandra; TOLEDO, Leonor; BARBOSA, Silvia Neli (orgs.) *In: Ética: pesquisa e práticas com crianças na Educação Infantil*. Campinas, SP: Papyrus, 2019.
- VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- WEISZ, Telma. Prefácio. *In*: FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.